

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 01 A 04.

TEXTO I

Lucíola

Era um domingo.

O novo ano tinha começado. A bonança que sucedera às grandes chuvas trouxera um dos sorrisos de primavera, como costumam desabrochar no Rio de Janeiro dentre as fortes trovoadas do estio. As árvores cobriam-se da nova folhagem de um verde tenro; o campo aveludava a macia pelúcia da relva, e as frutas dos cajueiros se douravam aos raios do sol.

Uma brisa ligeira, ainda impregnada das evaporações das águas, refrescava a atmosfera. Os lábios aspiravam com delícias o sabor desses puros bafejos, que lavavam os pulmões fatigados de uma respiração árida e miasmática. Os olhos se recreavam na festa campestre e matutina da natureza fluminense, da qual as belezas de todos os climas são convivas.

Subia a passo curto e repousado a ladeira de Santa Teresa, calculando a hora de minha chegada pelo despertar de Lúcia; o meu pensamento porém abria as asas, e precedendo-me, ia saudar a minha doce e terna amiga.

Havia oito dias que Lúcia não andava boa. A fresca e vivace expansão de saúde desaparecera sob uma languê morbidez que a desfalecia; o seu sorriso, sempre angélico, tinha uns laivos melancólicos, que me penavam. Às vezes a surpreendia fitando em mim um olhar ardente e longo; então ela voltava o rosto de confusa, enrubescendo. Tudo isto me inquietava; atribuindo a sua mudança a algum pesar oculto, a tinha interrogado, suplicando-lhe que me confiasse as mágoas que a afligiam.

– Não digas isto, Paulo! respondia com um tom de queixa. Posso ter pesares junto de ti? É uma ligeira indisposição; há de passar.

De bem longe avistei Lúcia que me esperava e me fez um aceno de impaciência; apressei o passo para alcançar o portão do jardim. Ela estendeu-me as mãos ambas risonha e atraindo-me, reclinou-se sobre o meu peito com um gracioso abandono. Sentamo-nos nos degraus da pequena escada de pedra, e informei-me de sua saúde.

– Já estou boa. Não vês?

– Realmente as rosas de suas faces viçavam; era cintilante o brilho que desferia a sua pupila negra. Pelos lábios úmidos lantejava a onda perene de um sorriso, que orvalhava-lhe o semblante de luz e graça.

– Ainda bem! Já me habituaste a só achar bonito aquilo que vejo através do teu mimoso sorriso. Agora é que eu começo a gozar desta linda manhã.

Trocamos ainda algumas palavras.

De repente Lúcia atirou-se a mim. Com uma arrebatada veemência esmagou na minha boca os lábios túrgidos, como se os prurisse fome de beijos que a devorava. Mas desprendeceu-se logo dos meus braços, e fugiu veloz, ardendo em rubor, sorvendo num soluço o seu último beijo.

Fugiu, e ao passar fechou a porta que comunicava com o interior.

Contrariado por este obstáculo, consolei a minha impaciência com o sabor da esperança que se insinuara no meu coração. A fúria amorosa dos primeiros tempos, recalçada por uma força misteriosa, despertava. Outra vez a febre voluptuosa nos arrebataria para abrir-nos a mansão do prazer e dos mágicos deleites.

(ALENCAR, José. *Romances ilustrados de José de Alencar*. Rio de Janeiro: J. Olympio, Brasília: INL, 1977.)

QUESTÃO

01

No texto de José de Alencar, os elementos literários que estruturam a narrativa ajustam-se com perfeição à estética do Romantismo.

Observe o fragmento abaixo:

Uma brisa ligeira, ainda impregnada das evaporações das águas, refrescava a atmosfera. Os lábios aspiravam com delícias o sabor desses puros bafejos, que lavavam os pulmões fatigados de uma respiração árida e miasmática. Os olhos se recreavam na festa campestre e matutina da natureza fluminense, da qual as belezas de todos os climas são convivas.

Subia a passo curto e repousado a ladeira de Santa Teresa, calculando a hora de minha chegada pelo despertar de Lúcia; o meu pensamento porém abria as asas, e precedendo-me, ia saudar a minha doce e terna amiga. (l. 6 - 12)

Identifique dois desses elementos literários e explique como cada um deles se relaciona aos princípios estéticos do Romantismo.

QUESTÃO

02

No texto de José de Alencar, o narrador usa o recurso do *flashback*, ou seja, a inserção de um evento ocorrido antes do episódio narrado.

Identifique o início e o final do trecho em que ocorre o *flashback* e indique dois aspectos ou expressões que permitem identificá-lo.

QUESTÃO

03

– Realmente as rosas de suas faces viçavam; era cintilante o brilho que desferia a sua pupila negra. (l. 25)

No trecho acima há um período constituído de três orações. Os termos essenciais da segunda e terceira orações estão colocados na ordem inversa.

Transcreva separadamente estas duas orações. Em seguida, forme com elas um novo período composto, de modo que o sujeito de cada uma seja colocado antes do respectivo predicado.

QUESTÃO

04

Se o romance *Lucíola* fosse narrado de uma perspectiva externa, tanto Lúcia quanto Paulo seriam identificados por pronomes de terceira pessoa. Considere o seguinte trecho:

De bem longe avistei Lúcia que me esperava e me fez um aceno de impaciência; apressei o passo para alcançar o portão do jardim. Ela estendeu-me as mãos ambas risonha e atraindo-me, reclinou-se sobre o meu peito com um gracioso abandono. Sentamo-nos nos degraus da pequena escada de pedra, (l. 20 - 22)

Reescreva-o do ponto de vista externo, com especial atenção para as adaptações que deverão ser feitas nas formas pronominais e verbais.

COM BASE NOS TEXTOS II E III, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMERO 05 A 10.

TEXTO II

Jardim da infância

Qualquer vegetal, pássaro, inseto
ou tremor de vento e onda
me tocam mais
que o mais acrílico artefato
5 e platinado aço da sala.

Há dois minutos um bem-te-vi pousou
nas grades do terraço, beliscou algo amarelo
e livre se foi marrom para o telhado.

Ah, minhas mesas, móveis, cama.
10 Eu não amaria sequer esses livros
se não soubesse da matéria orgânica
condensada em suas páginas.

Periquitos se coçam e piam na gaiola
fazendo amor sobre os poleiros
15 entre olhagens que me folham.

Estou comprando esses fascículos com tudo sobre plantas.
Tanto mais eu vivo
mais quero saber de ardísias e bocárnias,
peperônias e gloxínias.

20 Não sei como puderam nascer sem mim, em outras terras,
as edelweiss, blue bonnets, tulipas e cerejeiras.

Como pude respirar todo esse tempo
sem a diferença entre hibiscos e gardênias,
confundindo tumbérgias com hipocampos,
25 dama-da-noite com dama das camélias,
eu,
desmemoriado cavaleiro da rosa,
sem brincos de princesa,
trombetas e espadas de São Jorge,

30 mal sabendo que era na casa de Tia Antonieta
que nasciam as violetas africanas.

(SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Que país é este? e outros poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.)

TEXTO III

Vila dos confins

Não há bicho mais velhaco do que urubu roceiro, morador em zona de criação, mal-acostumado pelo daninho vício de comer umbigo de bezerro recém-parido.

Lá está o peste, de plantão. Refestelado¹ que só ele, no galho alto do pé de angico esquecido no meio do pasto. Passa homem, passa mulher e menino, passa boi, cavaleiro passa. A gente dobra o corpo, 5 deita mão em pedra. O urubu raciocina: mede o mal-inclinado do passante, calcula o tamanho e o peso da pedra, adivinha até aonde pode chegar aquele meio quilo de maldade. Pensa, pensa e repensa ligeiro, e continua pousado do mesmíssimo jeito. A cabo-verde alça vôo, zunindo, e vai bater no tronco do pé de angico, dois metros abaixo do alvo: beleza de tinido faz a pedrada, que o pau é seco, rijo, ocado pelo fogo – por isso mesmo sonoro também. Há tipos que respondem com 10 fedorento arrotto de desprezo. Outros, porém, mal abrem o bico em um bocejo de pouco caso e repegam no cochilo: soneca matreira, que estão mas é de olho fechado de mentira, tomando nota de tudo quanto acontece de importante pela redondeza. A gente grita, xinga, sapateia, se desespera e berra os mais feios palavrões. Que o quê! Urubu nem cheirou nem fedeu. E continua quentando sol, vigiando a vaca chegadinha no amojo² que, mais hora menos hora, solta a cria ainda boba do susto 15 no rapado jaraguá³ do pastinho-de-bezerro.

O fazendeiro busca em casa a fogo-central e volta ao pasto, disposto a acabar com a maldita assombração. Do alto do pau, o urubu pombeia⁴ a providência. E, quando o enjerizado aponta na porteira do curral, longe ainda, mas de espingarda na mão, o urubu galeia⁵ as juntas das pernas engomadas de piche, estica as asas de picumã, e demuda de pouso. Comigo não, violão! De pau-de- 20 fogo não não, Seu Bastião!

Vai-se embora o negro-preto, voando barulhento que nem máquina de trem de ferro subindo ladeira custosa, fluque-fluque, fluque-fluque. Bicho excomungado!

(PALMÉRIO, Mário. *Vila dos confins*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.)

Vocabulário:

¹refestelado – acomodado despreocupadamente

²amojo – disponibilidade de leite para a amamentação

³jaraguá – espécie de capim

⁴pombeia – observa, espreita

⁵galeia – sacode, balança

QUESTÃO
05

O tema da infância está muito presente na trajetória lírica brasileira desde o século XIX. O poeta Casimiro de Abreu a retratou pela ótica do Romantismo em um texto famoso e representativo:

Meus Oito Anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!

(ABREU, Casimiro. *Obras de Casimiro de Abreu*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1955.)

No texto II, porém, apresenta-se uma outra imagem da infância.

Transcreva os versos do poema de Affonso Romano de Sant'Anna que remontam à infância e explique a diferença na abordagem do tema pelos dois poetas.

QUESTÃO

06

Considere as seguintes expressões extraídas do texto III:

aquele meio quilo de maldade. (ℓ. 6)

a maldita assombração. (ℓ. 16 - 17)

Elas revelam sentimentos de certos personagens e repetem alguma informação dada em outra parte do texto.

Correlacione cada expressão ao respectivo personagem e indique o elemento do texto a que cada uma se refere.

QUESTÃO

07

A prosa de ficção modernista desdobrou-se em várias correntes. O texto III, do romancista mineiro Mário Palmério, representa um desses desdobramentos.

Identifique duas características marcantes da linguagem do texto e cite um exemplo para cada uma delas.

QUESTÃO

08

Apreendemos o significado de muitas palavras graças a relações que podemos estabelecer entre elas e outras que já conhecemos, como acontece com *porteira*, derivada de *porta*. Existem em português diferentes recursos para derivar palavras, e as formas derivadas podem pertencer à mesma classe ou a uma classe diferente da forma primitiva. As palavras *daninho* e *bocejo*, presentes no texto III, são uma prova disso.

Explique como cada uma destas palavras foi criada morfologicamente a partir da respectiva forma primitiva.

QUESTÃO

09

Observe os adjetivos sublinhados nas seguintes passagens dos textos II e III, respectivamente:

e livre se foi marrom para o telhado. (ℓ. 8)

Vai-se embora o negro-preto, voando barulhento que nem máquina de trem de ferro (ℓ. 21)

Ambos exercem a mesma função sintática, mas apenas no exemplo extraído do poema a construção gramatical surpreende o leitor com um efeito estilístico especial.

Identifique a função sintática comum aos adjetivos sublinhados. Em seguida, explique por que o efeito estilístico é surpreendente apenas no exemplo extraído do poema.

QUESTÃO

10

O emprego das palavras com finalidade artístico-expressiva envolve recursos variados, dois dos quais estão exemplificados nas formas sublinhadas nas seguintes passagens dos textos II e III, respectivamente:

entre olhagens que me folham. (ℓ. 15)

subindo ladeira custosa, fluque-fluque, (ℓ. 21 - 22)

Nomeie o recurso lingüístico empregado em cada passagem e descreva o valor estilístico de cada um.